

LIVRO I

ENTRE O DIZER E O FAZER
MUITA COISA HÁ QUE VER

CAPÍTULO I

De Atalaia

Nos nossos dias, não interessa o ano, ao cair de uma tarde de Outono, um bote sujo e com mau aspecto flutuava no rio Tamisa entre a Ponte de Southwark, que é de ferro, e a Ponte de Londres, que é de pedra.

Nele estavam duas pessoas: um homem forte com cabelo desgrenhado e grisalho, o rosto queimado pelo sol, e uma rapariga morena com dezano-ve ou vinte anos, tão parecida com ele que se percebia de imediato ser sua filha. Esta manejava um par de remos com agilidade; o homem, segurando as cordas bambas do leme e com as mãos descontraídas na cinta, perscrutava o rio com um olhar atento e ávido. Como não tinha rede, anzol ou fio de pesca, não podia ser pescador; como no bote não havia uma almofada para um passageiro se sentar, não estava pintado, nem tinha qualquer inscrição ou qualquer outro acessório a não ser uma argola ferrugenta e uma corda enrolada, não podia ser um barqueiro; como o bote não passava de um xaveco e era pequeno para transportar carga, não podia ser um arrais. Era impossível saber-se o que procurava com aquele olhar atento e penetrante. A maré, que tinha mudado uma hora antes, descia, e o seu olhar continuava a observar todos os fluxos e redemoinhos de amplas espirais, quando o bote avançava de proa contra a corrente ou era arrastado de popa, de acordo com as indicações que ele dava à filha com um movimento de cabeça. Ela vigiava o rosto do pai atentamente enquanto ele vigiava o rio. Mas no olhar intenso da jovem havia sinais de medo ou de horror.

O barco parecia mais estar no fundo do rio do que à sua superfície, devido ao lodo que o cobria, e aquelas duas pessoas faziam obviamente o que muitas vezes faziam, procurando ali o que frequentemente procuravam. No homem, de cabeça descoberta, havia qualquer coisa de selvagem: o cabelo emaranhado, as barbas e suíças espessas, as mangas da camisa arregaçadas acima do cotovelo e um nó lasso de um lenço, ainda

mais lasso, caído sobre o peito nu; o vestuário parecia ser feito do lodo que enegrecia o bote. No entanto, o seu olhar fixo e atento denunciava uma tarefa que lhe era habitual. O mesmo se notava na rapariga: movimentos ágeis, pulsos flexíveis no manejo dos remos e talvez o medo ou o horror espelhados no seu olhar revelassem ainda mais a execução de uma tarefa também usual.

«Sai da corrente, Lizzie. Aqui é forte. Atenção à maré.»

Confiante na destreza da rapariga e sem recorrer ao leme, este homem observava a maré com toda a atenção. Por isso a rapariga olhava para ele. Mas, por um acaso, um raio oblíquo do sol-poente incidiu no fundo do bote sobre uma mancha odiosa, semelhante ao contorno de uma forma humana, envolta em qualquer coisa, dando-lhe uma tonalidade de sangue diluído, o que atraiu a sua atenção, fazendo-a estremecer.

«Que tens?», perguntou o homem, imediatamente ciente do que se tratava, embora sempre atento à corrente. «Não vejo nada a flutuar.»

A luz avermelhada desaparecera, o tremor desaparecera e o olhar dele, que se voltara momentaneamente para o bote, desviou-se de novo para o rio. Sempre que a água tumultuosa encontrava qualquer obstáculo, o olhar fixo parava por um instante. As amarras, cada bote ou lancha parados que dividissem a corrente como a ponta nítida de uma seta, os rebordos dos molhes da Ponte de Southwark, as pás dos barcos a vapor conforme embatiam na água imunda, os barrotes de madeira emersos e amarrados próximo de certos molhes, faziam com que o seu olhar brilhasse avidamente. Mais ou menos uma hora depois de escurecer, as cordas do leme retesaram-se e o bote virou bruscamente na direcção do pontão de Surrey.

Sempre atenta à cara do pai, a rapariga respondeu prontamente com os remos; o bote deu uma volta, estremeceu como se tivesse levado uma repentina sacudidela, e o tronco do homem inclinou-se para fora sobre a popa.

A rapariga puxou o capuz da capa para a frente de modo a tapar o rosto, voltando-se na direcção da corrente e mantendo o bote nesse sentido. Até agora o bote seguira sempre o mesmo rumo, tendo rondado um pontão; mas as margens mudavam rapidamente, as sombras acentuavam-se, as luzes da Ponte de Londres tinham ficado para trás e havia filas de barcos ancorados nas duas margens.

Só agora o tronco do homem se endireitou no bote. Tinha os braços sujos de lodo e lavou-os. Segurava qualquer coisa na mão direita que também lavou no rio. Era dinheiro. Fê-lo tilintar imediatamente, soprou-o uma vez e cuspiu-lhe em cima — «para dar sorte», disse com voz rouca — antes de o guardar no bolso.

«Lizzie!»

A rapariga, sobressaltada, voltou a cara para ele continuando a remar em silêncio. Tinha o rosto pálido. Ele, com o seu nariz adunco, olhos brilhantes e cabelo desgrenhado, tinha uma certa semelhança com uma ave de rapina agitada.

«Tira isso da cara.»

Ela pôs o capuz para trás.

«Vem para aqui e passa-me os remos. Eu faço agora o resto do turno.»

«Não, não, pai! Não! Não consigo, pai! Não consigo sentar-me tão perto disso!»

Fez um movimento para trocar de lugar, mas com aquele queixume aterrorizado deixou-se ficar no mesmo sítio.

«Que mal te pode fazer?»

«Nenhum, nenhum. Mas não consigo.»

«Desconfio que até odeias o próprio rio.»

«Não, pai, não gosto.»

«Como se não fosse o teu pão! Como se não fosse a carne que comes e a água que bebes!»

Com estas últimas palavras a rapariga estremeceu e parou de remar por uns segundos, parecendo exausta. Isto escapou à atenção do pai, que olhava para qualquer coisa que o bote levava a reboque.

«Como é que podes ser tão ingrata para o teu melhor amigo, Lizzie? Até a lareira que te aqueceu quando ainda eras bebé foi apanhada do rio ao longo das barcas de carvão. Até o próprio cesto em que dormiste, foi trazido pela maré. As próprias embaladeiras que lhe pus para fazer dele um berço, foram cortadas de um pedaço de madeira que veio à deriva de um barco qualquer.»

Lizzie tirou a mão direita do remo para a levar aos lábios e estendeu-a carinhosamente para o pai; de seguida, sem uma palavra, continuou a remar, enquanto um outro bote de aspecto semelhante, embora em muito melhor estado, surgia da escuridão e mansamente se colocava ao lado.

«Com sorte outra vez, Gaffer?», disse o homem estrábico que manejava um par de remos e estava sozinho. «Sabia que estavas outra vez com sorte pela esteira que deixavas atrás.»

«Ah!», respondeu o outro secamente. «Então sempre vieste, não foi?»

«Claro, sócio.»

Um luar amarelo-pálido iluminava o rio, e o recém-chegado, mantendo o seu bote ligeiramente recuado do primeiro, olhava com um ar duro para a esteira deste.

«Assim que te vi, disse cá para mim: “O Gaffer tem qualquer coisa em vista, está acolá e com sorte, caramba, ou não fosse ele...!” É gingar, parceiro! Não te preocupes que não lhe vou tocar.» Esta foi a resposta a um movimento rápido e impaciente da parte de Gaffer, ao mesmo tempo

que tirava o remo daquele lado e punha a mão na borda do bote de Gaffer, segurando-o.

«Tanto quanto posso ver, já levou tarefa que chegue, camarada! Foi batido por muitas marés, não achas, parceiro? Ando com pouca sorte... Deve ter passado por mim quando subiu a última vez, pois eu estava aqui de atalaia debaixo da ponte. Até pareces um abutre a farejá-los, parceiro.»

Falava em voz baixa, lançando os olhos, mais do que uma vez, para Lizzie, que puxara de novo o capuz. Ambos os homens olhavam com um interesse estranho e sinistro para a esteira do primeiro bote.

«Entre nós os dois é fácil. Queres que o ponha no bote, parceiro?»

«Não», respondeu Gaffer num tom de voz tão duro que o outro ficou perplexo. Quando recuperou, fez esta pergunta incisiva:

«Não tens andado a comer qualquer coisa que te caia mal, parceiro?»

«Olha, tenho», disse Gaffer. «Tenho andado a engolir *parceiro* há tempo de mais. Não sou teu parceiro.»

«Desde quando é que não és meu parceiro, excelentíssimo Gaffer Hexam?»

«Desde que foste acusado de roubar um homem. Acusado de roubar um homem vivo!», disse Gaffer indignado.

«E se tivesse roubado um morto, Gaffer?»

«*Não* conseguias.»

«E tu, não conseguias, Gaffer?»

«Isso não é roubar. Para que é que um morto quer dinheiro? É possível um morto ter dinheiro? A que mundo pertence um morto? Ao outro mundo. A que mundo pertence o dinheiro? A este. Como é que o dinheiro pertence a um cadáver? Um cadáver pode tê-lo, querê-lo, gastá-lo, reclamá-lo, sentir-lhe a falta? Não tentes confundir o bem e o mal das coisas dessa maneira. Mas só quem é covarde rouba um homem vivo.»

«Vou dizer-te o que é...»

«Não, não dizes. Eu é que te vou dizer o que é. Ficaste preso pouco tempo por teres metido a mão no bolso de um marinheiro, um marinheiro vivo. Tiveste sorte e dá-te por feliz. Mas não penses que, depois disso, me vens com os teus *parceiros*. Trabalhámos juntos no passado, mas no presente já não, nem sequer no futuro. Larga. Põe-te a milhas!»

«Gaffer! Se pensas que te livras de mim assim...»

«Se isto não chegar para me livrar de ti, há outra maneira: corto-te os dedos com a pernada ou apanho-te a cabeça com o arpão. Afasta-te. Vamos, Lizzie. Para casa, visto que não me deixas remar.»

Lizzie começou a remar com mais força e o outro bote ficou para trás. O pai de Lizzie, recompondo-se e satisfeito por ter defendido elevados princípios morais e tomado uma posição inatacável, acendeu vagarosamente o cachimbo, fumou e deu uma vista de olhos ao que rebocava. Por

vezes, quando o bote encontrava um obstáculo, aquilo que era rebocado investia contra ele de uma maneira terrível e, outras, parecia tentar afastar-se, embora a maior parte das vezes o seguisse submissamente. Um noviço poderia imaginar que a ligeira ondulação passando-lhe por cima se assemelhava a ligeiras mudanças de expressão num rosto sem olhos; mas Gaffer não era noviço e não tinha fantasias.

CAPÍTULO II

O Homem de Nenhures

O senhor e a senhora Veneering eram habitantes novinhos em folha numa casa novinha em folha num bairro de Londres novinho em folha. Tudo à volta dos Veneerings era reluzente e novo. Toda a mobília era nova, todos os amigos eram novos, todos os criados eram novos, a baixela era nova, a carruagem era nova, os arreios eram novos, os cavalos eram novos, os quadros eram novos, eles próprios eram novos, estavam tão recentemente casados quanto o permitia legalmente o nascimento de um bebé que também era novo. Se tivessem trazido um bisavô, este teria regressado envolto em esteiras dos armazéns Pantehcon¹ sem um risco, envernizado dos pés à cabeça.

Na residência dos Veneerings, desde as cadeiras do vestíbulo com o novo brasão, até ao pianoforte mais moderno e, no andar de cima, até à saída de emergência, tudo estava num estado de perfeitos envernizamento e polimento. O que se via na mobília observava-se também nos seus moradores, cuja superfície, ligeiramente viscosa, cheirava exageradamente a loja de móveis.

Havia um inocente móvel de sala de jantar que andava silenciosamente sobre rodinhas e que, quando não estava a ser utilizado, era colocado por cima de uma cocheira de aluguer na Duke Street em St. James. Para ele os Veneerings eram uma fonte de constante inquietação. Twemlow, o nome desta inocente peça de mobiliário, por ser primo direito do Lord Snigsworth, era requisitado com frequência e, em muitas famílias, poder-se-ia dizer que simbolizaria habitualmente a mesa de jantar. O senhor e a senhora Veneering, por exemplo, ao planearem um jantar, começavam habitualmente por Twemlow e, de seguida, acrescentavam-lhe tábuas, isto é, os convidados: por vezes, a mesa era composta por Twemlow e meia dúzia de tábuas; outras, Twemlow e uma dúzia de tábuas; e, noutras, atingia-